

A masculinidade e o amor como construção social: a busca por relacionamentos saudáveis no grupo “Lugar de Escuta”

Masculinity and love as a social construction: the search for healthy relationships in the group “Lugar de Escuta”

Maria Chaves Jardim¹

Doutora em sociologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

Petrus Henrique Coelho²

Graduando em Ciências Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

Mateus Tobias Vieira³

Doutorando em Ciências Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

Revista Entrerios, Vol. 6, n. 1, p.164-185 (2023)

¹Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Nível 1D. E-Mail: maria.jardim@unesp.br. ORCID: orcid.org/0000-0001-5715-1430

²E-Mail: petrus.henrique@unesp.br. ORCID: orcid.org/0000-0002-5549-9553. Pesquisador bolsista Fapesp (Processo nº. 2023/02305-5).

³E-mail: mateus.tobias@unesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6558-8779>. Pesquisador bolsista Fapesp (Processo nº. 2021/05451-7).

Resumo

O ensaio busca explorar o cruzamento entre a ideia de masculinidade e a ideia de amor enquanto construções sociais. Enquanto a masculinidade se coloca como uma extrapolação dos gêneros biofísicos, avançando para categorizações socialmente construídas e dissimuladamente inculcadas, capazes de definir o destino social dos indivíduos, o amor se apresenta como uma forma de relação afetiva composta por códigos e normas culturais (JARDIM 2017; 2019; 2020; 2021), naturalizados, sobretudo, no amor romântico, suposto desejo, direito e destino de todos. Nosso campo empírico capaz de demonstrar o cruzamento dessas duas categorias é o grupo terapêutico "Lugar de Escuta", local onde homens buscam, através do diálogo, construir uma masculinidade saudável, momento em que a masculinidade e o amor se tornam temas centrais. Tem como inspiração teórica a sociologia reflexiva de Pierre Bourdieu (1998; 2002; 2011) e as teorias sobre o amor (LUHMANN, 1991; GIDDENS, 1993; BAUMAN, 2004; ILLOUZ, 2011; BECK; BECK, 2017, JARDIM, 2019).

Palavras-chave: Masculinidade; Amor; Construção social dos afetos.

Abstract

The article aims to explore the intersection between the idea of masculinity and the idea of love as social constructions. While masculinity stands as an extrapolation of biophysical genders, advancing to socially constructed and dissimulated inculcated categorizations, capable of defining the social destiny of individuals, love presents itself as a form of affective relationship composed of cultural codes and norms (JARDIM 2017; 2019; 2020; 2021), naturalized, especially in romantic love, supposed desire, right and destiny of all. Our empirical field, capable of demonstrating the intersection of these two categories, is the therapeutic group "Place of Listening", a place where men seek, through dialog, to build a healthy masculinity, a moment in which masculinity and love become central themes. It has as theoretical inspiration the reflexive sociology of Pierre Bourdieu (1998; 2002; 2011) and theories about love (LUHMANN, 1991; GIDDENS, 1993; BAUMAN, 2004; ILLOUZ, 2011; BECK; BECK, 2017, JARDIM, 2019).

Keywords: Masculinity; Love; Social construction of affections.

Introdução

Partimos da tese presente no livro *A Dominação masculina*, de Pierre Bourdieu, a saber, *as estruturas que constituem a formação do inconsciente histórico*⁴ hierarquiza

⁴Que pode ser entendido também como um *inconsciente coletivo*, portanto uma história incorporada e esquecida, porém engendrada nos corpos e mentes de seus agentes (BOURDIEU, 1998), tratado no

os gêneros - uma lógica androcêntrica - naturaliza a ordem masculina, formando um conjunto de valores dominantes (*doxa*) marcada por uma inferioridade do feminino em relação ao patriarcado. Por se tratar de uma lógica que antecede a racionalização, portanto, alocada em um inconsciente, estes constituem um valor que é reproduzido e reengendrado socialmente por homens e mulheres (BOURDIEU, 1998). Se, por um lado, os dominantes masculinos são agentes de destaque⁵ na organização de uma sociedade androcêntrica, há um conformismo lógico na construção do feminino, em uma ontológica formação binária da psique humana, a exemplo da distinção entre sagrado e profano no (DURKHEIM, 2003) par de oposição atrelado ao pensamento lógico e que é transplantado para o masculino e o feminino.

A classificação por oposição entre masculino e feminino gera consequentemente uma série de pares classificatórios; essa primeira classificação vincula a posição masculina ao sagrado, ao passo que, por oposição, atrela aquilo que é entendido como feminino ao profano. Esses esquemas dicotômicos de aplicação universal registram-se como diferenças de natureza inscritas na objetividade (BOURDIEU, 1998); dito de outro modo, são naturalizadas na vida em sociedade, seja objetivamente, no corpo e na organização social, seja subjetivamente, no plano simbólico.

O processo que naturaliza essas classificações entre masculino e feminino, que é introjetada no plano do inconsciente, atribui ao feminino a passividade, interioridade, sensibilidade e a docilidade⁶; em oposição, aos homens é instruída a ação ativa direcionada à vida pública, à virilidade. Essas divisões do trabalho sexual contam com ritos de passagem que naturalizam essa divisão sexual⁷ que são incorporadas como "sistemas de percepção, de pensamento e de ação" (BOURDIEU, 1998, p. 17)⁸.

A fronteira simbólica que divide o masculino e o feminino de forma "natural" instrui os agentes sociais a conformarem-se com seus lugares socialmente dados, atribuindo

segundo capítulo de *A dominação masculina* sobre a *Anamnese das Constantes Ocultas*.

⁵Metáfora de Virginia Woolf que será trabalhada em mais detalhes adiante neste texto.

⁶Em latim: dócil; aquele(a) facilmente ensinável. Portanto, aquele(a) que se permite aprender e ser ensinado(a).

⁷Não se ignora aqui a distinção entre sexo e gênero proposta inicialmente por Simone de Beauvoir e incorporada pelas Ciências Sociais, trata-se de um conceito sociológico que remonta a Durkheim no que diz respeito à Divisão Social do Trabalho.

⁸"A divisão entre os sexos parece estar "na ordem das coisas", como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas "sexuadas"), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos habitus dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação." (BOURDIEU, 1998)

assim um *senso de lugar*⁹ que legitima uma suposta superioridade masculina apenas pelo fato de ser masculino. A nomeação ao nascer (é menino ou é menina) marca simbolicamente as atribuições de gênero que produzem estruturas objetivas e cognitivas, que ao fim, engendram uma *doxa* masculina a todos os corpos (BOURDIEU, 1998).

Desse modo, a dominação masculina é legitimada através de diferenciações biológicas, de um lado constitui-se um processo de virilização dos meninos, em oposição a um processo de feminilização; engendra-se ao masculino a "atividade", muitas vezes correlata à violência, enquanto o feminino é encaminhado para a passividade e o cuidado (BOURDIEU, 1998). Essa dominação androcêntrica demanda a cumplicidade do dominado, ou seja, que este se submeta a uma forma suave de violência, capaz de produzir um conformismo lógico naqueles a ela submetidos, e que acontece no plano da psique/cultura (BOURDIEU, 2020).

Essas questões, trazidas por Pierre Bourdieu, nos levam à seguinte questão de pesquisa: como o masculino enxerga o amor? Buscaremos responder essa pergunta a partir de pesquisa empírica no espaço adiante. Nossos questionamentos sobre o amor se localizam em uma agenda de pesquisa mais ampla sobre o tema. Assim, diversas perspectivas teóricas e metodológicas se apresentam buscando pela compreensão do amor enquanto um objeto sociológico.

Uma das mais difundidas teses defende que tudo se passa como se na sociedade contemporânea o agente estivesse imbuído de uma lógica de mercado, sendo assim, na racionalização custo-benefício, estaria sob o pretexto de exercício de sua liberdade, legitimado a fazer escolhas unicamente "lucrativas", relacionadas a seu bem-estar e felicidade. (ILLOUZ, 2011). Desse modo, a ampla liberdade individual possibilitaria as escolhas deste agente, entretanto, as múltiplas possibilidades de escolhas gerariam angústia, ansiedade, incerteza, posto que o agente é "dono" de seu possível sucesso, é também dono de seu iminente fracasso. Esse contexto, geraria um sentimento de atomização daqueles envolvidos no mercado afetivo, em especial as mulheres (ILLOUZ, 2011).

Em outra perspectiva, o amor se coloca como uma categoria social, um fenômeno

⁹ O *senso de lugar* é fruto de um *habitus*, um cálculo inconsciente da posição do agente na estrutura social, em outras palavras, um cálculo que se auto-identifica em determinada posição nos jogos sociais de disputa.

historicamente localizável, sendo uma série de códigos socialmente compartilhados, uma codificação simbolicamente auto reprodutora, em um duplo movimento, que se autoalimenta e autocria por reproduções da literatura, novelas, filmes, internet e, também permeia os nossos sentidos visuais, olfativos, táteis, auditivos e do paladar (LUHMANN, 1991). O amor pode ainda ser visto como um constructo social, produzido e alimentado por uma lógica que lhe é própria, a denotar o amor como autoanulação, uma renúncia e sacrifício, ainda mais evidente e incisivo para com as mulheres (GIDDENS, 1994). O amor aparece ainda como chave de exercício de poder que só se faz com a cumplicidade do dominado, que faz uso das expressões do amor ou afetividade como se fossem espontâneas, resultado de uma força de adaptação à dominação masculina que transfere ao amor uma norma de felicidade, ou seja, tudo se passa como se a felicidade só fosse possível através de uma norma de amor idealizada.

A dominação masculina engendrada estruturalmente, e legitimada socialmente, é reafirmada por meio do discurso que postula um amor desequilibrado entre homens e mulheres (BOURDIEU, 1998). Compõem assim, estruturas simbolicamente introjetadas nos aparelhos cognitivos dos agentes de ambos os gêneros, formando o que se entende por cultura androcêntrica. É necessário captar suas causas imanentes, constando o amor como parte fundamental das estruturas que formam as relações de gênero. Sem a compreensão do gênero como categoria histórica, sendo assim, parte de um constructo social, corre o risco de ratificá-las por omissão à sua investigação.

A fabulação da disparidade entre masculino e feminino tem por consequência uma série de violências simbólicas e objetivas: "Dados do ministério da saúde de 2015 apontam que óbitos por causas extremas chegam a 95% para o sexo masculino em comparação ao feminino"¹⁰; percebe-se ainda diferentes taxas de suicídios entre os gêneros, em que as mulheres possuem uma taxa de 2,73 por 100 mil em 2019, enquanto os homens possuem uma taxa de 10,2 para o mesmo ano (ATLAS DA VIOLÊNCIA, *online*); no caso dos homicídios, as mulheres possuem uma taxa de 3,50 por 100 mil em 2019, enquanto os homens apresentam a taxa de 40,13 (ATLAS DA VIOLÊNCIA, *online*).

Ao mesmo tempo que é notável uma maior exposição masculina à violência de maneira geral, é preciso notar que "Três mulheres morrem por dia no Brasil por

¹⁰ Disponível em < https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/folder/dados_morbimortalidade_masculina_brasil.pdf >.

feminicídio"¹¹, ou seja, os homens são a maioria das vítimas, mas também a maioria dos autores de violência. Diante desse contexto, apresentamos nosso ensaio com os primeiros resultados empíricos de nossa pesquisa de campo, onde pretendemos cruzar a ideia de masculinidade e amor. Além dessa introdução e da conclusão o artigo traz um item sobre a masculinidade como objeto da observação sociológica, um item sobre o papel do amor nesse cruzamento, bem como um item sobre nosso campo empírico onde esses conceitos ganham concretude

O masculino como objeto científico

A masculinidade enquanto objeto de reflexão - em especial no campo da historiografia nacional - é uma perspectiva de vanguarda (BOTTON, 2007); as reflexões e problematizações teóricas aconteceram na medida em que se constatou o poder estrutural de um "patriarcado", portanto uma *doxa* passível de ser analisada enquanto construção social historicamente engendrada. A masculinidade, desde os estudos evolucionistas do século XIX, foi sendo naturalizada a partir de uma justificativa biológica supostamente ontológica de caráter puramente sexual-biológico, identificável pela "posse" ou não do falo (BOTTON, 2007); o primeiro campo de estudo a problematizar essa concepção naturalizante e desistoricizante foi a psicanálise¹² com o Complexo de Édipo, posteriormente Lacan em sua interpretação psicanalítica da masculinidade propõe - diferentemente de Freud - que a mulher também é detentora de um falo (a saber um falo simbólico) que é captado pelo masculino a partir do início da vida sexual.

Essa teoria tem similaridades com os estudos de Peter Fry (1982), no sentido de identificar que o imaginário coletivo atribui ao homem a "atividade" no contexto da vida sexual, legitimando para aquele que penetra, portanto, a ação "ativa", o reconhecimento do legitimamente "homem". Reitera-se deste modo, essa hierarquização entre masculino e feminino dentro do universo exclusivamente masculino, a relação entre dominação e submissão é atravessada pela noção do que é ser masculino. A diferenciação proposta pelas autoras(es) feministas do Século XX, entre gênero e sexo,

¹¹ Disponível em < <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/seguranca/audio/2022-06/tres-mulheres-morrem-por-dia-no-brasil-por-feminicidio> >.

¹² "A tese freudiana do Complexo de Édipo foi um mote influente, criou-se a concepção de que a masculinidade é formada de acordo com as relações familiares, especialmente quando a criança deseja sexualmente o progenitor do sexo oposto e percebe o progenitor do mesmo sexo enquanto seu rival, segundo a psicanálise um dos fatores que formariam a masculinidade do menino seria o medo de que o pai proceda a castração como represália por seu desejo pela mãe." (BOTTON, 2007)

marcada profundamente pela frase de Beauvoir e, muitas vezes usada como epígrafe; "não se nasce mulher, torna-se mulher" (BEAUVOIR, 1980, p. 9) que evidencia a disruptiva dissociação entre sexo e gênero até então tratadas como sinônimos, dissociação sem a qual não poderia (ao menos como aconteceu) nascer os *mens studies*.

Nos anos 1960 e 1970 surgiram os *mens studies* resultantes dos movimentos e teorias feministas com relação a gênero¹³, que foi rejeitado pelas feministas, porque viam os homens como os únicos beneficiados pelo patriarcado, mas que, posteriormente, incorporou as perspectivas masculinas, que contou com um princípio de estruturação de campo realizado pelas feministas. Muito embora os primeiros estudos sobre masculinidade tenham se iniciado nos anos 1950 e 1960, foi na década de 1970 que ganharam relativa proporção e, nos países anglo-saxões¹⁴, com mais força nos anos 1980 (BOTTON, 2007). Se inicialmente as discussões a respeito de gênero, discussões que envolvem poder, violências físicas, materiais e simbólicas, tinham como pressuposto a produção de uma supremacia masculina, de modo mais recente, com o desenvolvimento de um campo de estudo a respeito das masculinidades, nota-se as diferentes masculinidades e interseccionalidades que envolvem a categoria masculinidade. Na esteira desses estudos que diferentes autores(as) demonstram - com diferentes conceituações - o que Matos (2001) chama de "masculinidade dominante" em oposição à "masculinidade vitimada", similar a proposição de Connell (2013) a respeito do conceito de "masculinidade hegemônica" incorporada por outros autores(as)¹⁵ em diferenciação à "masculinidade subordinada".

Connell (2013) mostra que o conceito de masculinidade hegemônica passou a ser

¹³"[...]Mas, mesmo durante os primeiros anos do ressurgimento do feminismo nos anos 60 e do início dos "estudos das mulheres", antes do desenvolvimento do conceito de gênero, havia homens interessados em participar da reflexão sobre essas questões. Sua aproximação às discussões em pequenos grupos e seminários, no entanto, foi vetada naquele momento por nós, mulheres. Exercer este poder de veto foi visto como necessário, ao menos num primeiro momento, dada nossa experiência cotidiana com a dominação masculina." (GIFFIN, 2005)

¹⁴"Desta vez, tais estudos foram aceitos, assumidos e impulsionados por uma ampliação e renovação no campo de abordagem dos estudos feministas. Também foram lançadas algumas teses cunhadas por estudos gays. Com esses fatores, cresce o número de homens dedicados à reflexão de sua própria existência. Segundo Giffin - nesse momento - há um sentimento de culpa e arrependimento, onde o homem é autoavaliado como opressor nas relações de gênero e poder." (BOTTON, 2007)

¹⁵"O conceito de masculinidade hegemônica foi primeiro proposto em relatórios de um estudo de campo sobre desigualdade social nas escolas australianas; em uma discussão conceitual relacionada à construção das masculinidades e à experiência dos corpos de homens; e em um debate sobre o papel dos homens na política sindical australianas. O projeto nas escolas forneceu a evidência empírica de múltiplas hierarquias - de gênero e ao mesmo tempo de classe - entrelaçadas com projetos ativos de construção do gênero." (CONNELL, 2013)

utilizado em especial nos anos 1990 com estudos que investigavam as relações em sala de aula e apreenderam padrões de *bullying* e resistência entre meninos, que posteriormente [o conceito] passou a ter forte influência nas pesquisas sobre crimes, demonstrando uma propensão ao monopólio masculino em relação a determinados crimes. Como nos mostra Connell (2013) ao tratar das críticas ao conceito de masculinidade hegemônica para Collinson e Hearn (1994; 2004), o conceito é turvo, tendendo a "desenfatizar" relações de poder e de dominação. Nessa concepção o conceito de masculinidades múltiplas produziria uma tipologia estática, assim o conceito de masculinidade seria falho por produzir uma unidade do ser masculino que é falsa (PETERSEN, 1998; COLLIER, 1998; MACINNES, 1998). De forma mais ampliada, as críticas com relação ao conceito de masculinidade se direcionam ao entendimento de que este enquadra-se em uma concepção heteronormativa que essencializa a distinção macho-fêmea (CONNEL, 2013).

Dentre proposições e críticas, o conceito de masculinidade hegemônica tem sido adotado por diferentes áreas do conhecimento nas últimas décadas, sendo flexibilizado na medida que foi se dando novos contextos, nesse sentido se faz necessário entender os arranjos a respeito da masculinidade enquanto estudos de gênero, porém é preciso o esforço de não criar conceitos demasiados generalistas (CONNELL, 2013) e não calcados no empírico. Nessa direção, os estudos de gênero que lançaram luz sobre as masculinidades, que nos anos 1960 foram duramente criticados, levantaram importantes reflexões sobre os problemas dos homens em uma sociedade androcêntrica que antes não era possível tratar com a concepção de um "homem universal" (GIFFIN, 2005)¹⁶.

Implicando tratar e evidenciar que a diversidade de masculinidades objetificadas por classe, etnia/raça, idade e sexualidade, constituem diferentes relações de poder, circunscrevendo diferentes homens na relação dominação e subalternidade. Entendendo historicamente como as diferentes concepções e transformações na masculinidade hegemônica possibilitaram a perpetuação das formas de dominação (*Idem*, 2005).

No documentário "A Sociologia é um esporte de combate" (2002) surge a seguinte questão: "no livro *A dominação masculina* poderia se pensar que os homens também

¹⁶Adotaram uma visão dialética e histórica da realidade social dos gêneros, que relaciona o indivíduo com as ideologias e instituições sociais, sem determinismos mas também sem voluntarismos, num processo de constituição mútua, antítese da ótica binária da ciência objetivista. Nas palavras de Pierre Bourdieu, 'Homens e mulheres constroem o mundo, mas o fazem com formas e categorias construídas pelo mundo social, que eles nem escolhem nem inventam (BOURDIEU (1997) apud GIFFIN (2005)).

são vítimas de sua dominação, portanto é inexplicável porque eles não mudam" que é respondida por Bourdieu; "não se pode exagerar... Eles [os homens] são vítimas relativas, afinal como disse, é uma frase - não sei - acho que é de Virginia Woolf que diz: 'Eles fazem papel bonito' [...]. Que é visível, como no teatro, tem o papel principal, o que dá muita vantagem. Eles são visíveis, as mulheres invisíveis, eles falam, as mulheres se calam, ao mesmo tempo o papel principal custa muito."

A relação dual entre feminino e masculino serve à manutenção da dominação masculina, que enquadra o masculino e o feminino em mundos opostos e hostis, o que na realidade é uma coexistência enquanto construções sociais (ZELIZER, 2009; 2011). Embora encontre-se no jogo do convívio homens afetuosos, mulheres que tem ímpeto ativo, homens que são passivos, mulheres de ações práticas e/ou que expressam agressividade, bem como homens que expressem fragilidade e ternura (ALMEIDA, 2000), as posições idealizadas de constructos sociais são fixas, existem orientações, ora explícitas, ora tácitas, do que é "ser homem" e do que é "ser mulher", constituindo a *doxa* dominante que está enraizada no tecido social, operado por posições pré-fabricadas (BOURDIEU, 1983).

A virilidade, enquanto construção, antecede a fabulação da masculinidade moderna, é um processo que foi sendo reconfigurado em códigos, ritos e ideologias ao longo da história ocidental (BOURDIEU, 2012), é nesse sentido que as lógicas que operaram as sociedades militarizadas não poderiam operar do mesmo modo na sociedade mercantil, os nobres e plebeus formavam diferentes marcadores de virilidade e etc. É preciso compreender a criação de um caráter "universal" e normalizante de um ideal de homem, produto de uma fabricação histórica, principalmente a partir dos séculos XVIII e XIX¹⁷, que concebia até então um gênero humano: o masculino (LYRA *et al*, 2018). Essa perspectiva coloca em justaposição ao sacro masculino o *outro sexo*, esse processo significou a fabricação sexualizante dos corpos sociais, o que implica em uma série de atribuições de possibilidades, responsabilidades e destinos sociais.

De modo excepcional, nas sociedades anglo-saxãs das décadas de 1970 e 1980 iniciou-se, a partir de grupos de homens auto intitulados feministas, estudos a respeito do que seria a construção da masculinidade e da feminilidade enquanto fenômenos históricos, relacionais e, por consequência, mutáveis (SIQUEIRA; MIRANDA, 2018). Deste modo, os estudos da masculinidade passam a englobar diferentes áreas do

¹⁷ Uma construção hierarquizante por excelência, que coloca a mulher como um ser inferiorizado decorrente de uma suposta não possibilidade de alcance da magnitude masculina.

conhecimento como Antropologia, Biologia, Filosofia, História, Psicologia e Sociologia, dentre outras, demonstrando a transversalidade e interdisciplinaridade do tema. As ideias de masculinidade e poder estão associadas, o poder é um dos elementos mais "masculinizadores", dito de outro modo, como demonstra Pinho (2005), quanto mais poder, mais masculino, *a contrario sensu*, a sua falta é feminilizante, nesse sentido que a masculinidade é uma metáfora simbólica para o poder.

Os marcadores da masculinidade ou da virilidade são interconectados e interrelacionados com outros marcadores sociais, esses são etnia/"raça", classe social, origem social, nacionalidade e etc., como a masculinidade atravessa os homens pretos parece haver especificidades, embora também parece haver confluências com uma masculinidade hegemônica vinculada à branquitude e, com certa segurança, é possível afirmar que há indícios de que o masculino é marcado profundamente por heranças colonialistas¹⁸ (PINHO, 2018). Existe, nas relações entre gêneros, a suposição de uma superioridade do masculino sobre o feminino, entendendo os ideários de masculino e feminino não somente como gêneros biofísicos e psicológicos, também como categorizações socialmente construídas, dissimuladamente inculcadas no inconsciente, objetificadas em uma *hexis corporal*, discursos, gostos e afetividades. Esses discursos tendencialmente encontram pseudo embasamentos biológicos e/ou psicanalíticos, que buscam, através das diferenças fisiológicas entre os gêneros, naturalizar as desigualdades e violências que são sociais, logo, arbitrárias.

A concepção de virilidade masculina é exercida em uma ação ativa de diferenciação em relação ao feminino, se passa como um *virtus*, em outras palavras, tudo se passa como se o homem fosse posto a cargo de certos privilégios e honrarias por ser o que é - homem. Sob ele é introjetado um direito de auto-merecimento que tem por sustentáculo a obviedade, de modo que não faz sentido questioná-la. A força social que orienta o homem se objetiva no corpo, seja por meio das vestimentas, nas razões estéticas que o legitimam, como em sua *hexis*, portanto, está inscrito em seu modo de caminhar, sentar, a maneira que governa as mãos¹⁹, em suma, como faz uso do corpo e do espaço que ocupa.

Para Bourdieu (1998) há paralelos entre masculinidade e nobreza, o *habitus* masculino está para a sociedade ocidental, tal qual a honra para a nobreza, portanto,

¹⁸Menção a "O Sacrifício de Orfeu: Masculinidades Negras no contexto da Antinegitude em Salvador" de Osmundo Pinho.

¹⁹ Menção ao "O baile dos celibatários" (BOURDIEU, 2021).

para atender às expectativas da masculinidade é preciso negar-se, negar a própria natureza, constituindo uma natureza social que pode confundir-se com *amor fati*. A identidade social inclina-se a construção social de expectativas, e realiza-se enquanto destino objetivo. Essas estruturas simbólicas vão se introjetando nos aparelhos cognitivos dos agentes de ambos os gêneros, sendo o amor parte da estrutura que constitui as relações entre estes gêneros.

O papel do amor

Em direção a uma investigação com relação a uma historiografia do amor, sociólogos como Giddens (1993) entendem que a fabricação da ideia de amor espontâneo e natural serviu aos interesses da revolução burguesa, vinculada à constituição da família conjugal moderna, ao custo de uma não emancipação feminina, circunscrevendo o feminino no espaço social da casa, que tende a instaurar um trabalho não remunerado dos cuidados do lar. Giddens (1993) investiga como a sexualidade e as relações íntimas entre homens e mulheres integraram a constituição de um *self*, processo no qual, o amor romântico perde força social.

Entendendo o amor como constructo social, produzido e alimentado por uma lógica imanente, a fabricação do amor é uma autoanulação, renúncia e sacrifício, enfaticamente para com as mulheres (GIDDENS, 1993). Na passagem do século XIX e início do século XX, inicia-se o que seria entendido como os movimentos emancipadores do feminino, implicando nas transformações das dinâmicas sociais - vide a divisão do trabalho sexual -, tais como as relações matrimoniais, consequentemente familiares e o surgimento da possibilidade do divórcio. Apesar de Giddens ter investigado como a fabricação do amor romântico apoiou a construção do *self*, ainda se investiga pouco sobre os impactos das transformações afetivas, matrimoniais e de relacionamento que perpassam o gênero masculino.

Luhmann (1991) debruça-se sobre literaturas romancistas entre os séculos XII e XVII, compreendendo a ideia de amor como um fenômeno historicamente fabricado, bem como parte de uma série de códigos sociais compartilhados que criam e são criados por modelos de sociabilidade incorporados. Desta maneira, abre-se precedente para a investigação se de fato houve transformações nesses modelos de sociabilidade, se a forma pela qual configurou-se as relações afetivas - nos dias que correm - estão atreladas a uma lógica masculina, e se as masculinidades foram permeadas pelas novas formas supostamente emancipadoras para o feminino.

As teorias mais difundidas a respeito do amor moderno, a exemplo de Zygmunt Bauman, defendem que as relações sociais transformaram-se em relações efêmeras, de uma "modernidade líquida" que significa a agonia de um *homo consumens*, um agente assujeitado pela lógica do consumo, uma vida moderna permeada do consumo capitalista, que se enraizou nas formas de intimidade, em suma o *homo sexualis* estaria envolvido em uma dinâmica compulsiva de consumo e descarte de parceiros sexuais (BAUMAN, 2004).

Ulrich e Elisabeth Beck (2017) introduzem uma perspectiva na qual o amor é um investimento de alto risco, uma concepção que rompeu com a tradição e individualizou-se, sob uma ótica da qual o divórcio é apenas mais uma das faces do amor. Relativamente próximo a Bauman, Illouz (2011) propõe que os afetos, assim como o amor romântico, estão submetidos ao livre mercado, portanto uma lógica capitalista que é submetida às leis de oferta e demanda, constituindo uma vida afetiva da qual se sobressaem as dinâmicas de desempenho e eficiência em uma racionalidade econômica²⁰. A adoção da supremacia do *self* é, para a autora, predominantemente negativa, uma vez que significa um afrouxamento dos laços sociais; em sua pesquisa realizada nos Estados Unidos, demonstrou como o descobrimento do eu (*self*) ligado à psicanálise freudiana, fez com que, na modernidade, os indivíduos sintam pouca ou nenhuma culpa de descartar seus afetos.

Portanto, sob a doxa do individualismo, estaria legitimada a realização de cálculos utilitaristas no que tange às relações interpessoais, em suma, Illouz vê a sociedade contemporânea como profundamente embebida em um *ethos* capitalista que age sob a racionalização de um *homo economicus*, inclusive na esfera da vida pessoal e amorosa. Neste livre mercado dos afetos, os subprodutos seriam a ansiedade, angústia, insegurança, insatisfação e incompletude, fruto de um indivíduo impotente em relação à dinâmica do mercado afetivo e responsável por seu sucesso ou fracasso²¹.

O que as pesquisas empíricas vêm nos mostrando é que o amor romântico é uma crença que produz uma magia social relacionada ao mercado do afeto. A crença reside em um certo consenso, isto implica dizer que a crença é parte de uma *doxa* dominante (BOURDIEU, 1998). Nesse sentido é que homens e mulheres estão submetidos à *illusio*²²

²⁰Aquilo que Eva Illouz intitula *capitalismo afetivo*.

²¹Este sentimento de auto responsabilização e culpa se faria mais intensamente no gênero feminino.

²²Bourdieu (1998) entende *illusio* por uma relação encantada que constitui uma magia social que sustenta a violência simbólica, essa *illusio* é compartilhada tanto pelos dominados como pelos dominantes.

do amor romântico, que forma um mercado de afetos, a *illusio* do amor romântico como única possibilidade e condição de felicidade é fabricada e distribuída para ambos os gêneros.

Jardim (2019), a partir dos aplicativos de relacionamento, demonstra que percepções que colocam a esfera da vida dos afetos como mais um dos elementos permeados pelo capitalismo, não permite o entendimento das suas causas sociais, simbólicas e psicológicas subjacentes a essas relações. Se literaturas como Bauman e Illouz tendem a captar um afrouxamento nas relações sociais, a partir de uma lógica de hipermodernidade e neoliberalismo que estaria introjetado nas relações afetivas, constituindo uma "sociedade líquida" (BAUMAN, 2004) ou um "capitalismo afetivo" (ILLOUZ, 2012) que induzem a interpretação de que não há mais uma crença no amor romântico, Jardim (2019), por outra via, de forma contraintuitiva, demonstra que a *illusio* do amor romântico está cultivada e reproduzida, por vezes ligados à ideia de "alma gêmea", que pode ser entendida em Bourdieu como uma orquestração de *habitus*.

O amor romântico entendido como crença pode ser mapeado desde a Grécia Antiga, nas descrições de Platão, na literatura, na arte em suas diversas linguagens, em especial a poesia que foi historicamente o espaço do amor. Na era moderna, romances como Isolda, Tristão e Romeu e Julieta são exemplos de uma romantização da história de amantes que rompem com seus núcleos sociais, essas fabulações ficam explícitas e são reafirmadas por uma perspectiva hollywoodiana, de um amor arrebatador, direito e dever do ser humano, criando uma ideário do qual o amor romântico é o próprio significado da existência (JARDIM, 2019).

Essas pesquisas que são parte de uma Sociologia do amor, atrelada à uma Sociologia das Emoções (PELÚCIO, 2017; ROSSI; 2020; SOUZA, 2022), vêm demonstrando que ao contrário de uma ideia de abundância posta por Illouz, há uma série de desigualdades afetivas, fundada em um modelo hegemônico de estética que se interrelacionam com o racismo, a gordofobia e outras formas discriminatórias. As relações afetivas são compostas por códigos e normas culturais construídas (JARDIM 2017; 2019; 2020; 2021) e, o discurso que se faz presente, não está pautado exclusivamente em cálculos racionais.

Terapia da masculinidade: primeiro contato com o espaço empírico

Em nossa pesquisa, a objetivação do cruzamento da masculinidade e do amor foi realizado a partir dos grupos de conversa entre homens que possuem por objetivo desenvolver uma masculinidade saudável. Em nossa pesquisa de campo - ainda em desenvolvimento e iniciada em contexto de pandemia de Covid-19 – partimos do contato com grupos terapêuticos *online* via videoconferência, onde cada participante possui um tempo determinado de fala, às vezes com 70, 80 e até 90 participantes, sendo que cada encontro tem a duração média de 2 horas e ocorre uma vez por mês. Com o relativo controle da pandemia, pudemos acessar outros modelos de sociabilidade masculina relacionada a esses grupos, quando optamos por analisar um grupo que realiza encontros presenciais.

A dinâmica presencial e um número menor de homens possibilita outra experiência: 1) os acordos de confidencialidade são reiterados "olho no olho" dá-se um vínculo mais íntimo com aqueles que falam de suas experiências e angústias íntimas, 2) por vezes há a proposição de experiências pré-conversa coletiva, o grupo é liderado por um terapeuta que busca em lógicas não ocidentais fontes de autoconhecimento e auto-interiorização, o que possibilita um sentido de "aqui e agora", criando um elevado sentido de corpo social²³.

Após esse momento exploratório da pesquisa, adotamos como *locus empírico* um grupo que discute masculinidade a partir de uma lógica terapêutica. A iniciativa se auto define como: "Grupo de conversa entre homens que busca cultivar a masculinidade saudável através da escuta, diálogo, auto reflexão e da valorização da diversidade." (*Instagram*, 2023), o grupo "Lugar de Escuta" que se reúne duas vezes ao mês, está sediado na cidade de Ribeirão Preto/SP, e se constitui enquanto um espaço de conversa e acolhimento para homens que visam compreender de maneira mais profunda aspectos da própria masculinidade.

A terapia da masculinidade é, segundo Connell (1995), a forma mais célebre de política de gênero para homens, com vistas a buscar uma reabilitação psicológica, de modo a superar um desconforto ou angústia. Essas ressignificações de gênero perpassam por um contramovimento em relação ao feminismo e as pesquisas sobre esses grupos ainda são escassas. O grupo existe há 3 anos, a faixa etária é bastante

²³ Sob os preceitos durkheimianos o indivíduo é em certa medida determinado (por consequência sua vida prática e simbólica) pelo corpo coletivo, pelo social. O social é portanto a segunda natureza humana, e ao desenvolver sua percepção sobre o divino ou sobre Deus, o autor entende que todas as sociedades têm seus deuses, e que os venera como sua própria expressão figurada, e em última instância é a sua própria sociedade que os fiéis adoram.

abrangente, sendo predominantemente de homens entre 25 e 60 anos, a maioria dos frequentadores possuem ensino superior. Existe uma prevalência de homens com orientação heterossexual, sendo, ao todo, 70% heterossexuais e outros 30% que se dividem entre homossexuais e bissexuais; 70% são casados, quase todos residentes do município de Ribeirão Preto/SP. Por fim, a média de participantes do grupo são 22 fixos e cerca de 30 participantes flutuantes, todos homens. No início do último semestre de 2023 o grupo iniciou a produção do próprio documentário, que aspira expandir, para dentro de empresas e instituições, as discussões em torno do machismo, violência contra a mulher, equidade de gênero e saúde mental.

O tema amor não é o centro das discussões do "Lugar de Escuta", muito embora ele apareça frequentemente, seja em questões relacionadas aos relacionamentos e a criação dos filhos, ao tratar de experiências passadas, seja quando se colocam encontros casuais ou em vias de consolidação e como essas experiências são vivenciadas por cada subjetividade. Nos encontros, é lembrado que a proposta é sempre tratar das experiências trazidas na primeira pessoa, sem encontrar subterfúgios em frases como "nós homens somos... agimos... sabemos..." ou em "a sociedade nos faz de tal maneira...", colocando-se sempre em "eu faço isto", "eu penso de determinada maneira" e assim por diante. Esse dado é muito relevante, pois ele demonstra a busca da responsabilização dos homens por seus atos.

Outros temas apareceram nos encontros presenciais: no encontro realizado no auditório da Biblioteca Sinhá Junqueira, no dia 12 de Abril de 2023, estiveram presentes quinze homens e o tema central do encontro tratou de "assédio", tema que teve uma alta demanda de procura nas redes sociais, no sentido de abrir a discussão para que participassem também mulheres - já havia precedente para esse tipo de encontro adicional. Neste encontro, assim como em outros, houve ressalvas como "não somos homens mais valorosos por discutir as próprias masculinidades".

Essa concepção de que não se pode "abaixar a guarda", ou seja, de que o fato dos membros do grupos estarem inseridos em discussões e até muitas vezes terem formações que fogem ao senso comum, não significa que estão isentos de praticar formas de violência simbólica em seu cotidiano. Entretanto, nós identificamos que existe uma percepção, por parte daqueles que participam do grupo, que distingue os que participam desse universo de debates e "mergulho de subjetividade"²⁴ com relação aos

²⁴ Conceito tratado e utilizado no interior do grupo estudado.

que não participam.

Existe aqui uma possível distinção entre o homem "esclarecido" e o mero reprodutor social, tratado em uma discussão progressista como o "homem em desconstrução", portanto, aquele capaz de identificar, discutir e, quebrar com as violências simbólicas engendradas e naturalizadas na sociedade brasileira, e não apenas reiterá-las.

Na esteira dessa percepção, no site criado para promover o documentário do projeto "LugarDeEscuta.doc", há pelo menos dois relatos de participantes de longo prazo do grupo, em um deles, ao fim de sua fala há a seguinte afirmação: "[...]Sou muito grato por tê-los encontrado, Fausto e todos, particularmente em um momento muito especial da minha vida, e meu sonho é que os diálogos dali reverberem até o público comum, gerando neles esse desejo por participar da construção dessa nova forma de ser.[...]"²⁵.

De forma mais ou menos consciente aparece de forma dissimulada essa percepção de que há um grupo distinto - no interior da lógica terapêutica e cosmo percepção da realidade - e de um homem externo (aquele que não teve acesso a essas perspectivas e discussões e que até mesmo não compartilha dos mesmos ideais). Em contradição a ressalva aparentemente consciente de que não haveria distinção entre os participantes do grupo, pelo mero fato de participarem do grupo, embora ora ou outra apareça no discurso a noção de um ser distinto de outras masculinidades.

No encontro do dia 24/05/2023, ainda centrado nas discussões em torno do "Maio Furta Cor"²⁶, tendo por centralidade a saúde mental materna, o último encontro gravado - para o documentário²⁷ - o tema foi os desafios da paternidade, por vezes agravado por trajetórias das quais há uma ausência de figuras paternas, figuras afetivas e em suma formas de abandono. Fazendo ressalvas para com a sobrecarga vivenciada pelo feminino, realizando reflexões a respeito da *paternagem*, sempre perpassando de algum

²⁵ Disponível em: < <https://lugardeescuta.com.br/titulo-do-post/> >.

²⁶ "Maio Furta-Cor" é uma campanha comunitária sem fins lucrativos, democrática e apartidária que visa sensibilizar a população para a causa da saúde mental materna. Visa realizar ações de conscientização ao longo de todo o mês de maio, época em que celebramos nacionalmente o mês das mães." Fonte: <https://www.maiofurtacor.com.br/>

²⁷ "Lugar de Escuta.Doc" é um documentário sobre masculinidades, e que parte de uma pergunta central: "Está nascendo um novo homem?". São histórias de homens que participam do "Lugar de Escuta", uma roda de conversa em que os integrantes se reúnem para compartilhar experiências de vida, seus desafios, conquistas e conflitos. Criado em 2019, o Lugar de Escuta é um projeto amplo de reflexão e debate, tendo como pano de fundo as masculinidades. Cerca de 1.500 pessoas já participaram das rodas de conversa. Com realização do Ministério da Cultura e do produtor Alex Vissoto, produção executiva da Girassol Caminhos Criativos, o documentário tem parceria com o projeto Lugar de Escuta e patrocínio da Galvani." Disponível em: <https://lugardeescuta.com.br/>

modo o autocuidado. Diferentemente da maioria dos encontros do grupo que tem um tema central proposto pelo terapeuta e idealizador Fausto Neto²⁸, no encontro com relação ao tema "dinheiro" o tema se desenvolve de múltiplas formas a partir da experiência particular de cada agente, entretanto houve um direcionamento a partir da proposição central de um dos participantes²⁹, com isto a crescente taxa de suicídios entre os homens apareceu como tema a ser suscitado e como essas taxas vinculam-se com crises financeiras que são especialmente adoecedoras para os homens.

Se por um lado, o masculino tende a tratar em menor medida sobre dinheiro, por outro lado é ele [o masculino] que tem em sua concepção fundamental (social) de ser o dinheiro como elemento "masculinizador", simbolicamente significador de poder. Nesse contexto, que foi suscitado, por exemplo, uma fala do comediante estadunidense Chris Rock em um de seus *standups* sobre a relação entre homens e mulheres e essas assimetrias; "Apenas mulheres, crianças e cachorros são amados incondicionalmente. Um homem só é amado sob a condição de que ele forneça algo. [...] Eu ouvi uma vez minha bisavó dizer: 'Um homem quebrado é como uma mão quebrada, não serve para nada'."³⁰.

A fala que é relativamente problematizada, parece na maioria dos desabafos que a sucedem aparecendo enquanto construção engendrada do que é ser "homem", quase sempre que remetem a primeira infância, a relação que era vivenciada entre os pais durante a infância e como essas construções ficam incrustadas em cada subjetividade. Essa sensação de que um homem não pode ser amado por simplesmente ser, mas muitas vezes, sua ascensão social é uma condição inicial de suas relações - pelo menos na maioria das falas ali tratadas - é uma constante implícita e explícita a cada particularidade e subjetividade das trajetórias auto invocadas.

A questão financeira é um dos temas que mais aparecem dentre os desabafos e falas, contraintuitivamente é considerado um tabu tanto dentro do grupo como nas discussões sobre masculinidade e gênero, por vezes aparece como uma pressão social

²⁸ Graduado em Enfermagem (2003) pela Universidade Norte do Paraná, tem mestrado em Saúde Coletiva (2008) pela Universidade do Sagrado Coração. É professor, terapeuta integrativo e idealizador do Lugar de Escuta, projeto de acolhimento com rodas de conversa sobre masculinidades, realizado desde 2019, em Ribeirão Preto/SP.

²⁹ O grupo tem por meio do Fausto, líder, terapeuta e idealizador do lugar de escuta se proposto cada vez mais a realizar encontros com temas propostos por seus participantes, majoritariamente os temas são trazidos e trabalhados pelo Fausto, no caso desse encontro em específico no dia 05/07/2023 o tem dinheiro foi proposto por um de seus participantes.

³⁰ A fala legendada e editada viralizou recentemente nas redes sociais, aparentemente por suscitar um tabu social e, definir um sentimento compartilhado por muitos homens heterossexuais.

objetificada pela própria concepção de mundo, pela família e amigos, em outras formas como propriamente um desequilíbrio entre os relacionamentos afetivos, como necessidade de prover - ou obrigatoriedade de poder prover -, como já demonstra as pesquisas de Jardim (2021) no contexto dos aplicativos de relacionamentos. Esse desequilíbrio é por vezes tido como "saudável" ao relacionamento; em oposição às assimetrias financeiras dentro do lar quando não significa um maior ganho dos homens, gera a longo prazo, na maioria das vezes, um desgaste para com as partes. Portanto essa construção do amor enquanto assimetria é naturalizada de forma profunda. A constatação que participantes do grupo explicitam com relação ao incômodo entre esses "desequilíbrios entre as assimetrias ditas como naturais" só pode ser evidenciado de tal modo porque a proposição da dinâmica é uma profunda auto-investigação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensaio se propôs a iniciar uma investigação das inter-relações entre as masculinidades e o amor - como categorias socialmente construídas. A masculinidade se coloca como uma extensão do gênero biofísico que extrapola para hierarquizações sociais capazes de conformarem uma *doxa*, logo naturalizadas enquanto tal. Nesse sentido o homem exerce um protagonismo em uma dinâmica arbitrariamente estabelecida que relaciona o masculino com a atividade e o poder e feminino com a passividade e a submissão.

No que tange ao amor e suas formas sociais, estas se transformaram ao longo dos anos e sua mobilização enquanto categoria analisável cientificamente aconteceu apenas em meados do século XX, destacando recentemente, no Brasil, as investidas sociológicas de Jardim (2017; 2019; 2020; 2021; 2022), Pelúcio (2019), Rossi (2020) e Souza (2022). Visando contribuir a agenda estabelecida, incorporamos aqui a variável masculinidade, pensando as construções das relações amorosas e afetivas do masculino. Acreditamos que essa contribuição seja relevante tendo em vista que, ao olhar para as Ciências Sociais, o tema masculinidade permanece pouco estudado, em especial nas teorias sobre o amor. Nesse sentido, visamos aqui, objetivar as orientações com relação ao amor vivenciado pelos homens, que se objetivam nas relações interpessoais e, reproduzem-se nas relações intergeracionais. Sendo preciso entender quais são as crenças produzidas no campo dos afetos.

Em termos empíricos, fizemos uma incursão em campo no grupo "Lugar de Escuta" sediado na cidade de Ribeirão Preto/SP onde pudemos experienciar um espaço privilegiado para a observação desse cruzamento entre a ideia de masculinidades e de amor, já que o grupo é voltado justamente para o diálogo e o avanço na direção de uma masculinidade mais saudável, sendo, questões afetivas e de relacionamentos, tema constante das reuniões. Identificamos empiricamente que, apesar dos homens do grupo estudado falarem em busca de relacionamentos saudáveis, existe a crença de um amor desequilibrado nas relações afetivas, logo, a existência de uma assimetria entre os gêneros que é naturalizada por meio do amor. Nesse sentido, as ainda recentes pautas da emancipação feminina aparecem como desestruturações de um amor "naturalmente" assimétrico. Nos parece cedo para constatações generalizantes, mas já há indícios que ratificam aquilo que foi proposto por Bourdieu em *A dominação masculina* e identificado por Jardim (2017, 2019, 2022) em seus estudos.

Referências bibliográficas

- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- BEAUVOIR, S. *O Segundo sexo: fatos e mitos*. Tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.
- BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth. *O caos normal do amor: novas formas de relacionamento*. Barcelona: Paidós, 2001.
- BOTTON, F.B. As Masculinidades em questão: uma perspectiva de construção teórica. *Revista Vernáculo*, n. 19 e 20, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: Crítica social do julgamento*. 2o. ed. Zouk, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. *Esboço de uma teoria da prática: Precedido de Três Estudos de Etnologia Cabila*. 1ª ed. Celta, 2002.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*, 1998.
- CONNELL, Robert W; MESSERSCHMIDT, James W.. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas* [online], v. 21, n. 1, 2013.
- CONNELL, Robert. Políticas da Masculinidade. *Educação e Realidade*, Porto Alegre. Vol. 20 (2), 1995.
- DUBET, François. Le sociologue de l'éducation. *Magazine Littéraire*, Paris, n. 369, p. 45-47, oct. 1998.
- DUBET, François. *O tempo das paixões tristes: As desigualdades agora se diversificam e se individualizam, e explicam as cóleras, os ressentimentos e as indignações de nossos dias*. Vestígio, 2020.
- DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. 2019.
- DURKHEIM, Émile. *O suicídio*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FRY, Peter. *Pra inglês ver: Identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.
- GIDDENS, Antony. *A transformação da intimidade*. Editora Unesp. São Paulo. 1993.
- GIFFIN, Karen. *A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico*. 2005.
- ILLOUZ, Eva. *O amor nos tempos do capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- JARDIM, M. C. A construção social do mercado de afeto: o caso das agências de casamento em contexto de consolidação dos aplicativos. *Revista Pós Ciências Sociais*, v. 18, n. 1, p. 43–62, 2021.
- JARDIM, M. C. Para além da fórmula do amor; amor romântico como elemento central na construção do mercado do afeto via aplicativos. *Revista Política e Sociedade*, v. 18, n. 43. 2019.

JARDIM, M. C.; ROSA, T; Governo Cardoso (1995-2002) e Governo Lula (2003-2010): Homologia entre trajetórias dos ministros e crenças econômicas estatais vigentes. *Revista TOMO*, [S. l.], n. 39, p. 329, 2021.

JARDIM, M. C.; MOURA, P. J. C. A construção social do mercado de dispositivos de redes sociais: a contribuição da sociologia econômica para os aplicativos de afeto. *Revista TOMO*, [S. l.], 2017.

LINS, Regina Navarro. *O livro do amor*, volume 1. 3º ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2013.

LOPES, Luciana. A estrutura da posse de cativos nos momentos iniciais da cultura cafeeira no novo oeste paulista. Ribeirão Preto: 1849-1888. XIV *Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP*, realizado em Caxambú- MG – Brasil, [S. l.], p. 01-20, 10 dez. 2022.

LUHMANN, Niklas. *O amor como paixão. Para a codificação da intimidade*. Lisboa: Difel, 1991.

LYRA, Jorge; MEDRADO, Benedito; CAETANO, Marcio. *De guri a cabra macho: Masculinidades no Brasil*. Lamparina, 2018.

MAFFESOLI, M. *Homo Eroticus: comunhões emocionais*. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Por uma História das Sensibilidades: Em Foco: A Masculinidade. *História Questões & Debates*, Curitiba, v. 34, 2001.

MONTAGNER, M. A. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. *Sociologias* [online]. 2007.

PELÚCIO, Larissa. *Amor em Tempos de Aplicativo - Masculinidades Heterossexuais e a nova economia do desejo*. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2019.

PINHO, O. A. "Etnografias do brau: corpo, masculinidade e raça na reafricanização em Salvador" *Estudos Feministas*, 13, p. 127-145, 2005.

PRIORE, Mary Del. *História do Amor no Brasil*. Editora Contexto. São Paulo: 2015.

ROSSI, Túlio Cunha. O discurso de amor na violência contra mulheres: análise sociológica de Quem matou Eloá. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 35, n. 102, p. 1-18, 2020.

SAFFIOTI, Heleieth. *O Poder do Macho*. Polêmica, 2001.

SIMMEL, Georg. *A Filosofia do amor*. Editora Fontes, 1993.

SIQUEIRA, Elton Bruno Soares de. MIRANDA, Marcelo. Experiência estética e desestabilizações das masculinidades no teatro brasileiro moderno e contemporâneo. In: CAETANO, Marcio. SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço (org.) *De guri a cabra macho: masculinidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018.

SOUZA, Thaís Cristina Caetano de. Alma gêmea, sofrimento e redenção: componentes do amor romântico na telenovela Espelho da Vida. Dissertação: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNESP/Araraquara, 2022, Disponível em: < <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/242282> >. Acesso em: 20 jun. 2023.

TORRES, Analia. Sociologia do casamento. A família e a questão feminina. Oeiras: Celta Editora, 2001.

VANDENBERGHE, Frédéric. Amando o que conhecemos: notas para uma epistemologia histórica do amor. Ciências Sociais Unisinos 42(1):65-71, jan/abr 2006.

Documentário:

CHARLES, Pierre. A Sociologia é um esporte de combate. França, 2001.